

GESTÃO DE SALA DE AULA: O TEMPO, O PROFESSOR E A APRENDIZAGEM EM QUÍMICA.

Caroline da Silva de Moraes^{1*} (IC), Cleitor Jacob Konrad¹ (IC), Everton Bedin¹ (FM)(PQ).
carolmoraes2011@live.com.

¹Universidade Luterana do Brasil, Ulbra, Avenida Farroupilha, 8001, Bairro: São José, Canoas-RS, CEP: 92425-900.

Palavras-chave: Tempo de aula, gestão docente, formação pedagógica.

Área temática: Processos de ensino-aprendizagem

Resumo: Há uma relação importante entre a gestão do tempo de aula e o aprendizado dos alunos. Sendo assim, o objetivo deste estudo foi identificar o tempo gasto em algumas situações ocorridas durante os períodos de aula em duas turmas do ensino médio, a fim de analisar como estas situações afetam e prejudicam o aprendizado do aluno. O trabalho resulta de observações feitas durante três semanas, totalizando 12 horas/aula. O tempo gasto com a chamada, interferências externas e demais fatores foram considerados para que fosse feita a análise dos dados obtidos. Ao término, foi possível compreender que a otimização do tempo é um recurso necessário à profissão professor, pois a falta do mesmo apresenta incidentes negativos na formação do sujeito e, principalmente, na qualificação dos processos de ensino e aprendizagem.

Introdução e aportes teóricos

De acordo com Sérgio Martinic (2013), em uma entrevista realizada à revista *Época*, o tempo gasto pelo professor brasileiro disciplinando os seus alunos, em média, fica em torno de 20%. Um pedido de silêncio, umas broncas pela bagunça, mais o tempo gasto com a chamada, já se vão minutos preciosos que poderiam ser usados para construir e reconstruir saberes. Em comparação a sistemas educacionais avançados, o Brasil tem péssimo desempenho em gestão de tempo em sala de aula, de acordo com uma pesquisa da OCDE (Organização para a Cooperação e Desenvolvimento Econômico), divulgada em junho de 2014, em 32 países. Por exemplo, na Finlândia, 81% do tempo de aula é usado para ensinar enquanto que no Brasil, beira-se na casa dos 67%.

O tempo destinado à cada parte da aula é uma decisão importante que os professores têm que tomar durante o planejamento e a execução da mesma. O tempo deve estar estabelecido para cada sub-atividade, a fim de atingir um objetivo em comum em cada aula, para a qualificação dos processos de ensino e aprendizagem (RICHARDS; LOCKHART, 1995 p. 122-123). Wajnryb (1996) acrescenta que o planejamento do tempo durante as atividades propostas é particularmente mais difícil para professores em início de carreira, os quais, geralmente, não estão muito acostumados a preverem o tempo a ser despendido em cada atividade.

Com um pouco mais de experiência e de prática, os professores planejam melhor e são capazes de tomar decisões mais acertadas, otimizando o tempo que deve estabelecer em cada período, inclusive aquele destinado a aprendizagem autônoma do aluno por meio do pensamento e da reflexão. Afinal, “o tempo – uma das variáveis mais importantes da organização escolar – acaba por interferir e condicionar definitivamente o modelo de intervenção didática que se pretende implementar no seu dia-a-dia”. (PINTO, 2001, p. 60).

O aproveitamento do tempo é um dos fatores definitivos para a qualidade global do processo escolar. Para Santiago (1990), por exemplo, é através do tempo que se transmite, amplia e apropria o saber, perpassando todo o trabalho escolar. Neste sentido, diante os achados na literatura e considerando que a "perda" de tempo tem caracterizado a escola pública estadual brasileira, este trabalho busca, por meio de uma atividade *in loco*, averiguar como o tempo disponível em sala de aula é trabalhado em diversos momentos, a fim de que seja possível fazer uma análise dos dados e verificar onde e como a gestão e a otimização do tempo estão falhando neste processo.

Este trabalho se faz jus na compreensão de múltiplos trabalhos neste viés, pois, em um levantamento de dados sobre autores que abordam a mesma temática do trabalho, foi possível encontrar argumentos como o de Santiago (1990), que diz que é através do tempo que se transmite, amplia e apropria o saber, perpassando todo o trabalho escolar, sendo que a "perda" de tempo tem caracterizado a escola pública brasileira.

Segundo Domingues (1985), prescrições legais como cumprimento de calendário e horário escolares não são respeitadas nestas instituições de ensino: há reduções e o tempo diário dedicado ao ensino é ocupado por atividades como reuniões docentes, de pais e mestres e até semanas comemorativas que se tornam "irrelevantes" ou "fantasmas". As práticas de substituição do tempo pedagógico vêm sendo criticadas por Brandão (1987) e Kramer (1991) desde a década de 90.

Cavaliéri (1996) sustenta que aumentar o horário escolar implica em mudança curricular na direção de uma educação integral. Para Rodrigues (2002), o tempo de permanência na escola, ainda é organizado para manter alunos e professores em sala de aula. Contudo, a discussão sobre horário integral é questionável enquanto não for consolidado um tempo intensamente construído (COELHO,1995).

Metodologia da pesquisa

Tendo em vista as dificuldades apresentadas por professores para administrar seu tempo de aula, foi feito um trabalho de observação junto ao primeiro ano do ensino médio na disciplina de química em uma escola da rede estadual de ensino, localizada no centro da cidade de Esteio, Rio Grande do Sul. O trabalho de observação foi realizado em duas turmas distintas, sendo ambas administradas pela mesma professora.

A observação foi feita durante três semanas, totalizando 12 horas/aula. As turmas eram compostas por 20 alunos em média, sendo o número de meninos superior ao de meninas, e para que fossem feitas todas as anotações, foi utilizado um diário de bordo, instrumento muito importante na visão de Santos (2005), pois a partir dele:

[...] podemos identificar as dificuldades encontradas, os procedimentos utilizados, os sentimentos envolvidos, as situações coincidentes, as situações inéditas e, do ponto de vista pessoal, como se enfrentou o processo, quais foram os bons e maus momentos por que se passou e que tipos de impressões e de sentimentos apareceram ao longo da atividade, ao longo da ação desenvolvida. É uma via de análise de situações, de tomada de decisões e de correção de rumos (SANTOS, 2005, p. 70).

As turmas observadas contavam com dois períodos consecutivos de química, sendo cada um dos períodos de 50 minutos. As considerações foram feitas analisando o tempo total de aula em minutos, ou seja, 100 minutos semanal por turma.

Segundo Martinic (2013), a má gestão do tempo de aula prejudica a aprendizagem dos alunos. Muitas vezes o que acontece é que o professor acaba dedicando muito tempo para organizar a turma, isto é, colocando-a em ordem, disciplinando os alunos, depois gasta alguns minutos fazendo introdução do conteúdo da disciplina, e o tempo de aula acaba antes que ele consiga fazer uma síntese ou um resumo.

Para que fosse feita a análise, o tempo de aula foi dividido em seis momentos. Todos os momentos foram organizados em uma tabela, onde a soma do tempo gasto em cada um deles resulta no tempo total de aula disponível. Destaca-se que estes momentos foram estipulados pela pesquisadora com base em leituras de artigos e livros científicos, os quais abordam a temática em questão. Os momentos foram:

- Todos os alunos em sala/chamada;
- Saída para o lanche;
- Domínio da turma (pedidos de silêncio, broncas);
- Interrupções externas;
- Ensino da matéria;
- Exercícios.

Resultados e discussão

Os dados referentes às duas turmas coletados no diário de bordo durante o período de observação foram organizados nas tabelas apresentadas abaixo. Para a análise e comparação dos dados, as turmas foram classificadas como turma A e B.

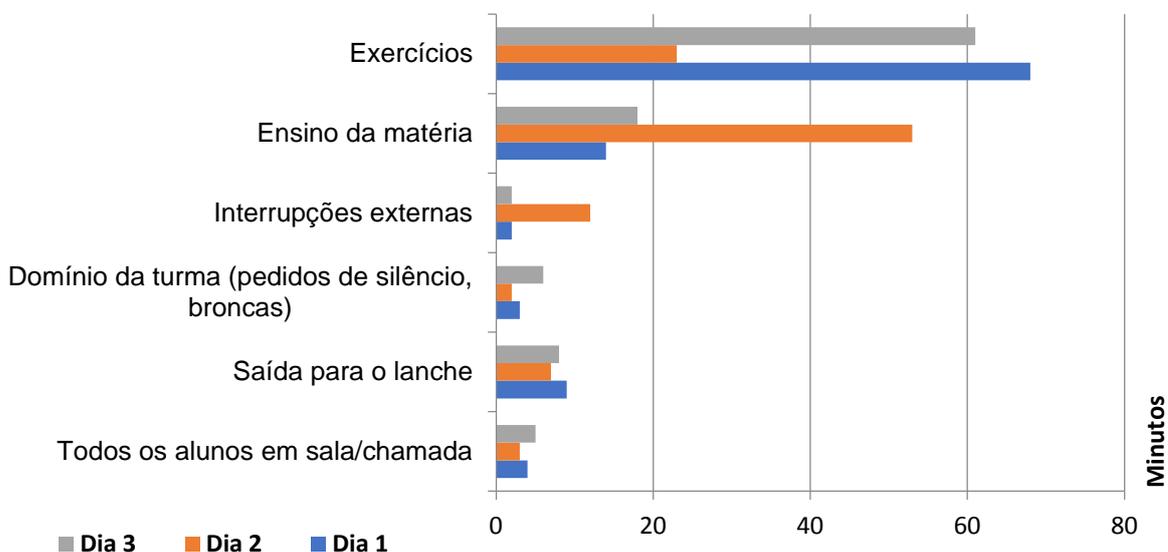
Tabela 1: Dados coletados da turma A, referentes a organização do tempo.

Momentos - Turma A	Tempo gasto		
	Dia 1	Dia 2	Dia 3
Todos os alunos em sala/chamada	4 minutos	3 minutos	5 minutos
Saída para o lanche	9 minutos	7 minutos	8 minutos
Domínio da turma (pedidos de silêncio, broncas)	3 minutos	2 minutos	6 minutos
Interrupções externas	2 minutos	12 minutos	2 minutos
Ensino da matéria	14 minutos	53 minutos	18 minutos
Exercícios	68 minutos	23 minutos	61 minutos
Total de minutos	100 minutos	100 minutos	100 minutos

Fonte: dados da pesquisa, 2017.

Por meio dos dados apresentados acima, foi possível analisar o tempo despendido para cada situação. A partir disto, plotou-se um gráfico para os dias observados, onde cada situação é percebida segundo a sua ocorrência em porcentagem. Analise o gráfico 1.

Gráfico 1: Resultados referentes a turma A, plotados da tabela 1.



Através do gráfico, é possível perceber que no primeiro dia a maior parte do tempo de aula foi dedicada à resolução de exercícios, contabilizando 68 minutos de aula, seguido pelo ensino e explicação da matéria que abrangeu 14 minutos. A terceira ocorrência que despendeu mais tempo foi a saída para o lanche, considerando 9 minutos até que todos os alunos voltassem para a sala de aula.

Esta aula foi dedicada basicamente para resolução de uma lista de exercícios referentes ao conteúdo abordado na aula anterior. A professora auxiliou os alunos individualmente na resolução dos exercícios indo até as suas classes para sanar algumas dúvidas. Contudo, durante o tempo em que a professora tirava as dúvidas de alguns alunos, outros continuavam resolvendo os exercícios propostos, mas a maioria conversava ligeiramente alto, sem nexos com o conteúdo e, muitas vezes, extrapolando o som da fala da professora, o que prejudicava o andamento de sua explicação.

Já na segunda aula é possível perceber que o ensino da matéria abrangeu a maior parte do tempo de aula, levando 52 minutos para ser abordado, seguido pela resolução de exercícios, que levou 23 minutos. Neste dia, houve o maior tempo gasto com interrupções externas devido ao fato de a diretora adentrar em sala de aula para escolher o líder de turma e o professor regente, o que levou 12 minutos para ser resolvido, e novamente foi possível perceber que houve 7 minutos dedicados para o lanche.

Para Richards e Nunan (1995, p. 17),

[...] o tempo durante as aulas em que os alunos estão ativamente engajados nas atividades propostas representa uma significativa contribuição para o aprendizado, ao contrário do tempo despendido nos intervalos, distribuição de livros e dever de casa e discussão sobre eventos que acontecerão nas aulas seguintes.

No terceiro dia, novamente, a maior parte do tempo de aula foi dedicada para a resolução de exercícios nos mesmos moldes da aula do dia 1. A professora distribuiu uma lista de exercícios referentes ao conteúdo da aula anterior, que foi

basicamente teórica com a resolução de um exercício como exemplo. Ainda, é interessante destacar que foi percebido um tempo gasto com o lanche, levando 8 minutos para que os alunos retornassem para a sala de aula.

Ao término da observação desta turma, foi possível perceber que os alunos realizavam o lanche, naquela manhã da semana, no mesmo horário; logo, uma sugestão é que a escola realize um rodízio de horários para os alunos tomarem o lanche naquela manhã, pois, caso contrário, esta turma sempre estará prejudicada, no quesito tempo, em relação ao conteúdo de química. Outra conclusão que se pode apresentar é quanto a didática da professora, pois a mesma sempre trabalhava o conteúdo seguido de uma lista de exercícios; não existia variação.

Os mesmos procedimentos de coleta de dados foram aplicados à turma B, para que fosse feito um comparativo entre as duas turmas. Os resultados são apresentados a seguir.

Tabela 2: Dados coletados da turma B, referentes a organização do tempo.

Momentos - Turma B	Tempo gasto		
	Dia 1	Dia 2	Dia 3
Todos os alunos em sala/chamada	5 minutos	5 minutos	6 minutos
Saída para o lanche	0 minutos	0 minutos	0 minutos
Domínio da turma (pedidos de silêncio, broncas)	5 minutos	4 minutos	10 minutos
Interrupções externas	2 minutos	0 minutos	0 minutos
Ensino da matéria	18 minutos	69 minutos	16 minutos
Exercícios	70 minutos	22 minutos	68 minutos
Total de minutos	100 minutos	100 minutos	100 minutos

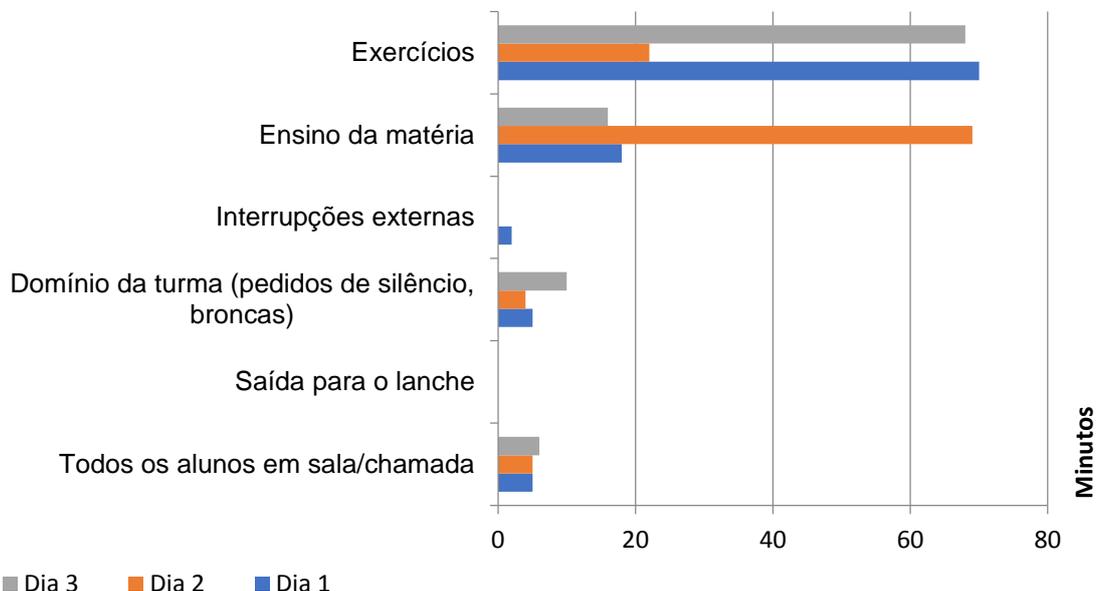
Fonte: dados da pesquisa, 2018.

Também foi plotado um gráfico para a turma B, a fim de comprá-los quanto ao tempo e os dias. Os resultados foram os seguintes:

Gráfico 2: Resultados referentes a turma B, plotados da tabela 2.

38° EDEQ

Encontro de Debates sobre o Ensino de Química



Em relação à turma B, é possível perceber algumas semelhanças com a turma A. No dia 1, a situação que mais tomou tempo de aula foi a resolução de exercícios, totalizando 70 minutos de aula, seguido pelo ensino e explicação da matéria, com 18 minutos. No gráfico, é possível perceber que no dia 2 a situação de maior tempo de duração foi o ensino da matéria, totalizando 69 minutos, seguido pela resolução de exercícios de fixação, ocupando 22 minutos de aula.

Em colaboração, no terceiro dia a situação do dia 1 se repetiu, a maior parte do tempo é dedicada para a resolução de exercícios sobre o conteúdo abordado na aula anterior, totalizando 68 minutos de aula, seguido pela explicação da matéria, com 16 minutos.

Um ponto a destacar em relação a turma B é de que não houve nenhuma saída para o lanche, isto devido ao fato de que os períodos de química ocorrem após o intervalo para esta turma, o que faz com que eles tenham mais tempo disponível para absorver o conteúdo, ressignificar os conceitos e aproveitar a aula de forma mais eficiente.

Todavia, o tempo gasto para acalmar os alunos e pedir silêncio, foi um pouco maior na turma B, devido ao fato de os alunos voltarem do intervalo mais agitados. Nesta turma, o tempo somado dos três dias foi de 19 minutos, e na turma A foi de 11 minutos. Este processo de pedir silêncio e acalmar os alunos, também conhecido como indisciplina, na visão de Oliveira (2009, p. 4505), eleva a tensão da professora, acarretando na “perda do sentido e da eficácia e a diminuição da autoestima pessoal que leva sentimentos de frustração, desânimo e ao desejo de abandono da profissão”.

Ademais, acredita-se, como salienta Rego (1996), que este comportamento do aluno, indiferente do momento, muitas vezes, pode estar associado à ineficiência da prática pedagógica, a qual engloba: propostas curriculares problemáticas e metodologias que subestimam a capacidade do aluno; logo, a inadequação da organização do espaço e tempo para a realização das atividades resulta na falta de

incentivo à autonomia e às interações entre os alunos, gerando pouco diálogo e ameaças para obter o silêncio em sala de aula.

Assim, analisando os três dias observados, e a partir dos diálogos realizados com a professora, foi possível perceber que as aulas funcionam da seguinte maneira: uma aula onde os conteúdos são abordados, outra aula com lista de exercícios referentes à aula anterior e, assim, sucessivamente. A turma B, por não ter a interferência do lanche, algumas vezes avançava um pouco mais no conteúdo, mas não o suficiente para ser significativo.

Neste esquema de aula, foi possível perceber que os alunos ao saberem de que a aula inteira será para resolução dos exercícios, os fazem de maneira despreocupada com o tempo, fazendo com que o tempo de aula seja desperdiçado e a aprendizagem dos mesmos prejudicada, pois a cobrança para que os exercícios sejam feitos em um tempo menor não é incisiva e nem instigada pela professora.

Neste sentido, Sergio Martinic (2014) afirma que diversos estudos mostram que a gestão do tempo tem relação com a aprendizagem do aluno. Não é uma relação direta, não significa que quanto maior o tempo disponibilizado em aula, automaticamente, será maior a melhoria na qualidade do aprendizado, mas uma boa administração dos minutos de uma aula, aliada a práticas pedagógicas e lições bem planejadas e bem organizadas, produz melhor aprendizagem.

Ainda, há outros incidentes que acontecem em sala de aula e que roubam o tempo, como acalmar a turma quando os alunos estão muito agitados, realizar a chamada, pedir silêncio e solicitar que prestem atenção ao que está sendo dito, tudo isto ocupa um tempo precioso para a aprendizagem dos alunos.

Um bom professor tem que saber fazer uma boa gestão do tempo. [...] O que acontece muitas vezes é que o professor dedica muito tempo colocando a classe em ordem, disciplinando os alunos, depois gasta alguns minutos fazendo introdução do conteúdo da disciplina e o tempo de aula acaba antes que ele consiga fazer uma síntese ou um resumo – um recurso pedagógico importante para ensinar. (MARTINIC, 2014, p. 47).

Conclusão

Com a observação feita nas duas turmas, ajuíza-se que a gestão do tempo em sala de aula muitas vezes não é eficiente em toda a sua extensão. Assim, pode-se perceber que a turma A acabou sendo prejudicada em relação ao tempo de aula, muito mais que a turma B, devido ao fato de a hora destinada para o lanche ser sempre a mesma, fazendo com que sempre a mesma disciplina seja afetada. Acontecimento não observado na turma B, pois o período de química acontece após o intervalo.

Por esta razão, o tempo gasto para acalmar os alunos e pedir silêncio é maior na turma B, devido aos alunos voltarem do intervalo mais agitados. Assim, foi possível perceber que o tempo administrado pela professora poderia ser melhor organizado, pois como os alunos já sabiam que a aula seria somente exercícios, não sentiam a necessidade de melhor se organizarem. Desta forma os alunos não se preocupam em realizar a atividade dentro de um tempo estabelecido, prejudicando o aprendizado deles próprios.

Ademais, espera-se que a professora, enquanto sujeito capacitado para resolver/minimizar estes entraves, abandone ou aperfeiçoe suas práticas

disciplinares que não mais instigam os alunos, buscando usufruir de esferas didáticas diferenciadas para incitar os alunos ao desejo de aprender. Além do mais, almeja-se que este profissional, em conversação com a escola e a mudança necessária nas atividades desta, consiga otimizar melhor seu tempo, reconhecendo o aluno como um ser que possui saberes, experiências e acima de tudo voz ativa; isto é, deseja-se que a professora em questão usufrua da motivação no ensino de química, utilizando-a como uma ferramenta para assegurar a atenção e o bom desempenho dos alunos na escola.

Referências bibliográficas

BRANDÃO, Z. A escola de 1º grau em tempo integral: as lições da prática. In: **Educação e Sociedade**, fev.1987.

CAVALIÉRI, A. M.V. Escola de Educação integral: em direção a uma educação escolar multidimensional. Rio, UFRJ, 1996 (**tese de doutorado**).

COELHO, L. M. C. C. Estudo Dirigido: da compensação à emancipação? Rio, UFRJ, 1994 (**tese de doutorado**).

DOMINGUES, J. L. **O cotidiano da escola pública de primeiro grau, o gosto e a realidade**. São Paulo: PUC, 1985.

KRAMER, S. **Com a pré-escola nas mãos**. Uma alternativa curricular para a educação infantil. São Paulo: Ática, 1991.

MARTINIC, S. O bom professor sabe controlar o tempo de aula. **Revista Época**. [Online], 2014. Disponível em: <http://epoca.globo.com/vida/noticia/2014/11/sergio-martinic-o-bom-bprofessorb-sabe-controlar-o-tempo-da-aula.html>. Acesso em: 28 de abr. de 2018.

OLIVEIRA, R. L.G. Reflexões sobre a indisciplina escolar a partir de sua diversidade conceitual. **Anais**. IX Congresso Nacional de Educação – Educere. PUCPR, 26 a 29 out. 2009. p. 4503-4514.

REGO, T. C. R. A indisciplina e o processo educativo: uma análise vygotkiana. In: AQUINO, J. G. (Org.). **Indisciplina na escola: alternativas teóricas e práticas**. São Paulo: Summus, 1996. p.83-101.

RICHARDS, J.; LOCKHART, C. **Reflective Teaching in Second Language Classroom**. Cambridge: Cambridge University Press, 1995.

RICHARDS, J.; NUNAN, D. **Second Language Teacher Education**. (5th ed.). Cambridge: Cambridge University Press, 1995.

RODRIGUES, M. V. C. **Qualidade de vida no trabalho**: evolução e análise no nível gerencial. Petrópolis/RJ: Vozes, 2002.

SANTIAGO, M. E. Escola pública de primeiro grau. **Da competência à intenção**. Rio, Paz e Terra, 1990.

Os saberes docentes
na contemporaneidade:
perspectivas e desafios
na/pela profissão

18 e 19 de outubro de 2018, Canoas/RS

38° EDEQ

Encontro de Debates sobre o Ensino de Química

SANTOS, M. B. dos. Saberes de uma prática inovadora: Investigação com egressos de um curso de Licenciatura Plena em Matemática. 2005. **Dissertação** (Mestrado em Educação em Ciências e Matemática) – Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2005.

ZABALZA, M. A. **Diários de aula: um instrumento de pesquisa e desenvolvimento profissional**. Porto Alegre: Artmed, 2004.

WAJNRYB, R. Classroom Observation Tasks: a Resource Book for Language Teachers and Trainers. Cambridge: Cambridge niversity Press. 1996.